

Sobre a interpretação dos sonhos



Transmissão da Psicanálise

diretor: Marco Antonio Coutinho Jorge

Artemidoro

Sobre a interpretação
dos sonhos
(*Oneirocritica*)

Tradução:
ELIANA AGUIAR

Apresentação à edição brasileira
e revisão técnica:
MARCO ANTONIO COUTINHO JORGE
*Professor do Programa de Pós-graduação
em Psicanálise, Instituto de Psicologia/Uerj*

Notas:
A.J. FESTUGIÈRE



ZAHAR
Rio de Janeiro

Apresentação à edição brasileira

MARCO ANTONIO COUTINHO JORGE*

TENDO VIVIDO NA MESMA ÉPOCA que o imperador Marco Aurélio, Artemidoro de Daldis nasceu em Éfeso, sede do célebre santuário de Ártemis e conhecida como a pátria de Heráclito, mas escolheu associar seu nome a Daldis, na Lídia, terra de sua mãe. Viveu na segunda metade do século II e temos notícias dele por meio de alguns autores de seu tempo, como Galeno. Na *Suida*, léxico biobibliográfico da Grécia clássica e helenística, composto por volta do ano 1000, seu nome é referido como filósofo e autor de livros sobre a ciência dos auspícios e sobre quiromancia, além da *Oneirocritica – juízos ou interpretações dos sonhos*, única de suas obras que chegou até nós. Como informa Cesare Musatti, em *Dell'interpretazione de' sogni*:

existem vários códigos manuscritos dessa obra que, provavelmente, teve uma difusão inconstante no período helenístico. Os dois principais são: um do século X, o *Laurenziano*, adquirido em Creta no final dos anos 400 por ordem de Lorenzo, o Magnífico; e o outro, o *Marciano*, do século XV, devido a um copista igualmente de Creta. Portanto, a obra faz parte daquelas que, após a queda de Bizâncio, chegaram à Itália, constituindo o aporte do mundo grego que se esfacelava ao florescimento renascentista dos estudos clássicos.¹

Oneirocritica se compõe de cinco livros: os três primeiros são dedicados a Cassius Maximus, que seria o sofista Máximo de Tiro, filósofo platônico que

* Psiquiatra, psicanalista, professor adjunto do Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), pesquisador procientista e professor do Programa de Pós-Graduação em Clínica e Pesquisa em Psicanálise na mesma instituição e diretor da seção Rio de Janeiro do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise.

dava aulas em Atenas e Roma; e os outros dois a seu próprio filho, que também se chamava Artemidoro e praticava a mesma atividade do pai. Ao passo que os quatro primeiros livros enumeram de forma bastante sistemática e didática a pluralidade de temas que surge nos sonhos, o quinto traz, a título de exemplo, uma coletânea de sonhos interpretados.

Foram feitas edições em diversas línguas, assim como diferentes edições críticas, sendo a de Roger Pack (1963) a mais recente. Com a presente publicação, o leitor brasileiro tem acesso pela primeira vez a esta obra que, escrita no século II, atravessou a história e foi considerada por Freud uma das mais importantes sobre o assunto. Seu valor é simultaneamente histórico, literário e psicanalítico. Histórico, porque uma verdadeira história da vida cotidiana se abre diante de nós: os costumes, as superstições, a moral. De fato, ela nos oferece “um quadro da vida tal como se desenrolava nos territórios unificados por Roma nessa época, na qual o paganismo em declínio ainda não tinha sido substituído pelo catolicismo triunfante”.² Literário, pela escrita poética e original cuja riqueza provém da “grande abundância de exemplos e da copiosa erudição mitológica”.³ Psicanalítico, pela percepção ora embrionária, ora aprofundada, de inúmeros elementos que se revelariam preciosos para a razão psicanalítica no âmbito de um de seus temas maiores – os sonhos.⁴

Todos sabem que a obra máxima de Freud, *A interpretação dos sonhos*, publicada no final de 1899 com a data de 1900, a seu pedido (como se vislumbrasse que o século vindouro seria o século da psicanálise), era por ele considerada o seu livro mais importante. Pois se tratava de uma descoberta única, à qual se referiu diversas vezes de modo triunfal: como sendo a via régia que conduz ao inconsciente, como uma poderosa revelação que só ocorre a alguém uma única vez na vida, como uma obra verdadeiramente heroica, semelhante ao desenterro por Schliemann de uma Troia que se acreditava mítica. Quando Freud proferiu suas famosas *Conferências introdutórias à psicanálise* na Universidade de Viena – por dois invernos sucessivos (1915-16 e 1916-17), durante a Primeira Guerra Mundial –, reservou um espaço considerável exclusivamente aos sonhos: 11 das 28 conferências.

Sabe-se que Freud avaliava intimamente a capacidade dos psicanalistas levando em conta, sobretudo, a sua aptidão para interpretar sonhos. O valor destes residia, para ele, em seu caráter paradigmático em relação às formações do inconsciente (sintomas, lapsos de linguagem, atos falhos, chistes etc.) e, por isso mesmo, considerava impossível avançar na pesquisa das neuroses sem ter previamente efetuado um estudo laborioso e aprofundado dos sonhos.⁵ Além disso, o sonho apresenta para Freud um enorme valor heurístico, pois eviden-

cia de modo inegável a presença do inconsciente na vida humana, independentemente de qualquer dimensão tida como patológica.

A primeira parte de *A interpretação dos sonhos* traz uma resenha bibliográfica detalhada da literatura existente sobre sonhos antes de 1900, na qual a obra de Artemidoro é referida nos seguintes termos: “Nos últimos anos da Antiguidade, Artemidoro de Daldis foi considerado a máxima autoridade em interpretação de sonhos e a sobrevivência de sua obra minuciosa (*Oneirocritica*) há de nos ressarcir pela infeliz perda dos outros escritos sobre o mesmo assunto.”⁶ Erudito, o livro de Artemidoro faz referência a um sem-número de autores que se dedicaram ao tema, entre os quais Alexandre de Míndos, Antífone de Atenas, Febo de Antioquia e Aristandro.

A antiga tradição da interpretação dos sonhos parece ser inteiramente tributária da ideia de que o sonho é presságio e inclui nele mesmo a prefiguração do futuro.⁷ O que de certa forma aproxima da concepção freudiana do sonho como realização de um desejo, uma vez que o desejo veiculado no sonho é, para Freud, aspiração, voto. Claro que Freud não supõe que o sonho seja prefiguração do futuro e sim que ele apresenta algo que pede uma realização no futuro. Ou, mais precisamente, algo que, por permanecer no campo do irrealizado, encontra sua realização no sonho.

Pois, para Freud, todo sonho se constrói em torno de alguma fantasia inconsciente que faz uma conexão entre as três dimensões do tempo:

O nexa da fantasia com o tempo é muito substantivo. É lícito dizer: uma fantasia oscila de certa forma entre três tempos, três momentos temporais de nosso representar. O trabalho mental se vincula a uma impressão atual, a uma ocasião do presente que foi capaz de despertar os grandes desejos do sujeito. Dali retrocede à lembrança de uma vivência anterior, na maioria das vezes infantil, na qual aquele desejo foi realizado, criando uma situação referente ao futuro que representa a realização do desejo. O que se cria então é um devaneio (sonho diurno) ou fantasia, que encerra traços de sua origem a partir da ocasião que o provocou e a partir da lembrança.

Conclui Freud que “passado, presente e futuro são como as contas de um colar entrelaçadas pelo fio do desejo que os une”⁸. Assim, se para Freud o sonho não é o áugure do futuro, ele veicula o desejo que é suportado pela fantasia e que, de certa forma, mantém uma relação de expectativa com o tempo por vir. Tanto no sonho quanto no devaneio (sonho acordado) a fantasia se empenha em corrigir a realidade insatisfatória.

Artemidoro estabelece, de saída, uma distinção entre sonhos simples e sonhos oníricos para ressaltar que os primeiros significam a realidade presente e os outros – os “propriamente” oníricos – antecipam o futuro. Estes são, na maioria das vezes, seguidos na vida real pelo que ocorreu ao sonhador, de forma que é o fato ocorrido depois que dá ao sonho o seu legítimo significado. Porque o sonho é, para ele, oráculo, e os deuses nos falam através dos sonhos. O que o sonho significa é o futuro que espera o sonhador, e sua interpretação é, ao mesmo tempo, quiromancia. E, com grande frequência, o sonho traz alguma profecia referente à prosperidade ou à pobreza, tema recorrente em suas interpretações, além de alguns outros quase onipresentes: corpo, sexo, nascimento, morte, luto.

O livro de Artemidoro foi bastante usado sobretudo porque, como afirma John Rajchman, “ensinava a prever o destino através da interpretação dos sonhos”.⁹ Rajchman salienta ainda que, contrariamente aos sonhos explicitamente sexuais presentes na obra de Artemidoro, em Freud o sentido sexual dos sonhos surge naqueles cujo conteúdo não é sexual. E o princípio da interpretação muda: se em Artemidoro ele depende da condição social do sonhador – e da analogia entre os papéis sociais hierárquicos e as posições ou papéis assumidos nos atos sexuais, ativos ou passivos, em cima ou embaixo etc. –, em Freud ele se relaciona com a “intrincada rede de associações que liga seu sonho a seu desejo mais íntimo”. Assim, a interpretação dos sonhos sexuais não se concentra em Artemidoro “na natureza do ato sexual, mas na condição social ou civil dos parceiros: o sexo é relacional e as relações sexuais são indissociáveis das relações de status”.¹⁰

Artemidoro chama a atenção na conclusão da obra para a dificuldade inerente à interpretação dos sonhos e, ainda que para ele a fórmula da interpretação se dê pela via de uma espécie de simbolismo universal dos conteúdos oníricos – questionada por Freud em prol da motivação inconsciente (individual) do sonhador –, cumpre notar que para ele o simbolismo é tributário de contingências específicas do sonhador: condição social (escravo ou livre), sexo, idade, estado civil, personalidade, estado de saúde (atleta, doente), situação financeira, momento em que se encontra na vida, lugar no qual se achava quando teve o sonho etc. Assim, pode-se observar em Artemidoro uma firme tendência a particularizar a interpretação dos sonhos, o que o aproxima de Freud, para quem o sentido destes provém exclusivamente das associações feitas pelo próprio sonhador. De fato, muitas vezes, o conteúdo de toda uma sessão de análise – na qual prevalece uma única regra fundamental, a da associação livre – se desdobra exclusivamente como a chave das significações de um sonho nela relatado.

A regra da interpretação para Artemidoro é a analogia, e ele repete isso, chegando a enunciar uma “lei da semelhança” que ajuda a interpretar os casos que porventura não se encontrem na obra. Surgem analogias por mera dedução (metonímica ou de sentido) e outras de elevado valor metafórico. As analogias de sentido recorrem sempre às tradições e mitos da cultura e da época. E, por vezes, mesmo quando o senso comum empresta a sua significação ao sonho, alguns exemplos surpreendem por condensarem força poética e caráter premonitório numa construção bastante harmônica.

Há interpretações que valorizam o significante puro, tratando a imagem, da mesma forma que na interpretação freudiana, como significante e não como signo. Pois para Freud – e este é o seu grande segredo – as imagens do sonho não possuem um valor de imagem, mas sim de significante. O exemplo de interpretação que se tornou paradigmático na psicanálise, por sua singeleza, é extraído precisamente da obra de Artemidoro. Freud o menciona duas vezes em suas *Conferências introdutórias à psicanálise*.¹¹ Trata-se de um sonho que “teve importância histórica” e foi relatado por Plutarco e Artemidoro de Daldis. Como para os gregos e outros povos do Oriente não era possível realizar uma campanha militar sem a presença de intérpretes de sonhos, Alexandre Magno incluía em seu séquito os mais famosos deles. Durante o cerco da cidade de Tiro, que resistia obstinadamente ainda que seus habitantes tivessem que enfrentar uma escassez cada vez maior de víveres, Alexandre sonhou com um sátiro dançando.

Ao ser convocado diante do imperador, Aristandro interpretou o sonho fazendo um corte na palavra *Satyros*, obtendo, com perfeita homofonia, *sa Tu-ros*: “Tua é Tiro.” De alguma forma, tal interpretação anunciou para Alexandre que iria triunfar sobre a cidade e, mantendo o cerco, finalmente subjugou Tiro. Freud ressalta que essa “interpretação que possui uma aparência bastante artificial, indubitavelmente era a correta”.¹² A interpretação surge então como uma rearticulação dos significantes do sonho e não como uma hermenêutica do significado das imagens apresentadas.

Cabe ressaltar que esta edição brasileira foi feita a partir da tradução francesa da *Oneirocritica*, realizada diretamente do grego e anotada pelo filósofo e historiador francês A.J. Festugière (1898-1982),¹³ tendo por base o texto grego estabelecido na edição de Roger Pack. É a paginação de Pack que está registrada no alto das páginas deste livro e é indicada, no texto, por meio de barras verticais. Foram reproduzidas em nossa edição as gravuras feitas em Veneza, em 1602, por Giovanni Pierio Valeriano, que se encontram na Biblioteca Ambrosiana de Milão e que foram reproduzidas na tradução italiana da obra de Artemidoro, *Dell'interpretazione de' sogni*.

Dedicatória a Cassius Maximus

| Artemidoro a Cassius Maximus, salve!

Muitas vezes me dispus¹ a empreender o presente trabalho, mas fui detido, “não por incúria, não por moleza”, como diz o poeta (*Il.* 10, 122),* mas, principalmente, porque me assombravam a grandeza e o número de objetos de estudo que ele propunha, e em seguida porque temia as críticas daqueles que falam baseados na convicção de que não existe divinação nem providência divina, ou dos que procuram para si mesmos outros temas de exercício e ocupação. Neste momento, entretanto, a necessidade de tais estudos se faz presente por sua utilidade não somente para nós, mas para os homens que virão, e isso me levou a parar de remanchar e de adiar, e a compor, finalmente, um escrito consagrado aos temas cuja compreensão adquiri através da experiência. Considero que daí resultará uma dupla vantagem para mim. De um lado, aos que se esforçam para extinguir a própria divinação e suas espécies, fornecerei, com toda liberalidade,² argumentos contrários, reunidos num arranjo fora do comum, produzindo em público os fatos da experiência e tantas provas de seus desfechos que deveriam bastar para contradizer todos os adversários; e, de outro, aos que indubitavelmente usam a divinação – mas que, não tendo encontrado as doutrinas exatas, têm o espírito perdido e correm o risco de desprezá-la ou de se afastar – instituirei para eles um tratamento salutar | capaz de afastá-los do erro. De fato, quase todos os que vieram antes de mim, desejosos de construir uma reputação por meio de sua obra, e certos de que com isso ganha-

* Para citações de trechos da *Iliada*, de Homero, foi utilizada a tradução de Odorico Mendes (Homero, *Iliada*. Rio de Janeiro, W.M. Jackson, 1952). (N.T.)

riam fama, quando finalmente deixaram para a posteridade os seus tratados de onirocrítica copiaram-se uns aos outros e, ao fazê-lo, explicaram mal o que os Antigos disseram tão bem, ou acrescentaram pilhas de inverdades às breves observações dos Antigos: eles não foram guiados, em suas obras, pela experiência, mas, improvisando, cada um escreveu sobre o tema conforme suas próprias inclinações. Além disso, entre eles, alguns leram todos os livros dos Antigos, outros nem tanto: certas obras, por sua raridade ou pela deterioração devida ao tempo, ficaram fora de seu alcance. No que me diz respeito,³ não há livro de onirocrítica que eu não tenha adquirido, realizando grandes pesquisas com esse propósito; inclusive, embora os adivinhos das praças públicas estejam totalmente desacreditados e as pessoas de ar grave e cenho franzido os chamem de charlatões, impostores e bufões, desprezei esse descrédito e mantive contato com eles por longos anos, extenuando-me de tanto ouvir velhos sonhos com seus desfechos, na Grécia, nas cidades e nas assembleias, na Ásia e na Itália e nas ilhas mais importantes e populosas – de fato, não havia outro meio de acumular experiência nessa disciplina. Resulta disso que sou capaz de falar longamente sobre cada assunto, de tal modo que, dizendo realmente a



verdade, não lanço palavras ao vento e, ademais, no que concerne às coisas que menciono, posso tornar as demonstrações mais claras e fáceis de entender para todos, em vez de fazer uma exposição sumária, a menos que uma coisa seja tão evidente que se possa considerar desnecessário explicá-la.

| Mas vamos ao nosso tema, antes que esta abertura se faça mais longa do que seria conveniente. Que necessidade há de discursos sem o testemunho das realidades concretas, se me dirijo a você, homem tão eloquente que não há outro igual entre os gregos e tão sábio que não precisa esperar o fim dos discursos, pois é capaz de perceber com antecedência onde irão terminar?

É necessário, primeiramente, estabelecer as regras para certos dados elementares.